

HELENA CHAGAS



de Brasília

Brizola e Lula

• Não se tem notícia, na História do Brasil, de um vice-presidente da República que tenha imposto sua linha de ação ou programa administrativo ao titular, estando este com saúde e no gozo das faculdades mentais. Já tivemos vices de todo tipo. Uns substituíram presidentes afastados, outros conspiraram para derrubá-los, alguns tomaram posse e governaram no impedimento de quem foi eleito. Houve até vice deposto por junta militar.

Mas o presidencialismo brasileiro não é rico em exemplos de vices mais fortes do que o presidente na hora de governar.

Seria razoável que o PT se adiantasse a explicar ao eleitor que, se Luiz Inácio Lula da Silva for eleito presidente da República, quem decidirá se vai revogar as privatizações da Vale do Rio Doce, da Telebrás ou de alguma outra empresa será o próprio Lula.

Ontem, em meio à repercussão de mais uma declaração da cruzada do ex-governador Leonel Brizola para rever as privatizações, os petistas viviam um estado de constrangimento. A posição do PT não é bem aquela defendida pelo ex-governador. Amplos setores do partido estão questionando a venda da Telebrás e querem fazer auditorias em outras privatizações, mas só admitem rever os processos em caso de danos ao patrimônio público.

Os aliados de Lula acham que a questão das privatizações é um bom filão eleitoral, que pode render votos junto à classe média e a setores desencantados com a política de desestatizações. Mas que começam a perceber também que o discurso de Brizola pode resultar em prejuízos eleitorais, na medida que começa a ser apontado pelos aliados do adversário Fernando Henrique Cardoso como mais um ingrediente a reforçar a chamada teoria do caos.

No Planalto, a movimentação de Brizola chegou a ser brindada como uma demonstração de radicalismo que poderá contaminar a imagem do candidato petista.

— A teoria do caos não é o governo do Lula. É o do Brizola quando o presidente viajar para o exterior e o vice assumir — dizia o deputado Márcio Fortes (PSDB-RJ).

O Governo trabalha para que a desenvoltura de Brizola passe ao eleitor a impressão de que houve uma inversão de papéis na chapa da oposição e que quem vai dar o tom é o ex-governador do Rio. Nessa versão, o que se assiste agora seria um prenúncio da administração Lula. E há sempre alguém para lembrar a influência que, nos idos de 1963-64, Brizola exercia sobre o governo de seu cunhado João Goulart — ele também um vice, que assumiu com a renúncia de Jânio Quadros.

Sem querer comprar uma briga com o aliado PDT — e dar razão aos que criticaram a formação da chapa Lula-Brizola — e convencido de que, no dia-a-dia da campanha, o ex-governador é seu melhor atirador, os petistas colocam panos

quentes. Mas deixam clara a posição divergente.

— Estão hiperdimensionando as declarações do Brizola. Uma frente não é um partido, é um conjunto de partidos que pensam diferente. Teremos um programa que vai fixar com nitidez uma posição. Eu acho que não é preciso rever privatizações, desde que o Estado mantenha a fiscalização sobre os serviços e o patrimônio público — dizia o líder do PT na Câmara, Marcelo Déda.

O episódio abriu espaço à previsível discussão sobre o papel do vice na chapa do PT. Conseguirão os petistas, daqui para frente, conter maiores arroubos do ex-governador? Conseguirá o Governo passar a idéia de que, votando no PT, você está comprando Lula mas levando Brizola?

Mistérios que só o tempo vai responder.

A principal variável em jogo é a capacidade do PT de administrar sua aliança. E toda aquela luta de Lula para inviabilizar a candidatura dissidente de Vladimir Palmeira no Rio pode parecer café pequeno perto do que vai enfrentar.

Nas alianças eleitorais, o partido que não fica com a vaga principal costuma testar a fidelidade do companheiro de coligação indicando como vice um nome polêmico, às vezes com pouca afinidade com o titular. Em 1984, o PDS indicou José Sarney, um ex-adversário político, como vice de Tancredo Neves na Aliança Democrática que levou o país à redemocratização.

Em junho de 1994, quando formalizou a chapa PSDB-PFL, Fernando Henrique teve de aceitar Marco Maciel, ex-líder do Governo Collor, com quem tinha pouca coisa em comum. Era conhecida, na ocasião, a preferência de FH pelo deputado Luís Eduardo Magalhães. No entanto, aceitou Maciel sem discutir e surpreendeu-se nesses três anos e meio com um dos melhores vices que poderia ter — alguém discreto e leal o suficiente para sequer tentar fazer sombra ao presidente.

Fernando Collor e Itamar Franco viviam às turras. Certa vez, numa viagem do presidente, o vice chegou a demitir o então ministro da Justiça, Jarcas Passarinho. Reconduzido imediatamente poucas horas depois pelo titular.

Administrar bem a aliança seria, para Lula, aproveitar a potencialidade de Brizola na linha de frente do tiroteio eleitoral. Ao mesmo tempo, porém, deixar claro o que parece óbvio mas, às vezes, tem de ser repetido: vice não manda. E isso começa na campanha.